



ESTATUA DE CANNING EM WESTMINSTER.

JORGE CANNING, orador e estadista de grande reputação em Inglaterra e bem conhecido em Portugal, nasceu em Londres em 11 d'Abril de 1770. Apenas contava um anno de idade, quando lhe faltou seu pai, que era descendente de antigas familias. Da sua primeira educação tractou um tio paterno. Ainda muito moço, cursando as aulas d'Eton, começou a desenvolver o talento de que o dotára a natureza compondo versos no idioma patrio; e juntando-se com tres condiscipulos escreveu uma obra periodica intitulada — Microcosmo — (*), que sahi semanalmente de Novembro de 1786 até Agosto seguinte. Aos dezeseite annos entrou no Collegio de Christo, em Oxford, onde ganhou honras academicas por suas poesias latinas, e cultivou a arte oratoria em

que depois adquiriu celebridade. Travou então conhecimento com Jenkinson, que foi conde de Liverpool, e que o introduziu na carreira politica que seguiu logo ao sahir do collegio. Ia passar as ferias a casa de Mr. Shéridan, cuja amisade lhe foi tambem de grande valia, admittindo-o á conversação e familiaridade das pessoas mais celebres e estudiosas daquelle tempo, como Fox, Burke, lord Townsend, a duqueza de Devonshire, que adoptavam quasi exclusivamente em politica os principios do partido *whig*. (:) Pela sua intimidade com Shéridan era de esperar que seguisse as opiniões deste cavalheiro e se ligasse á opposição: porem Canning acceitou as propostas do partido *tory*, e foi levado ao parlamento em 1793 pela influencia de Pitt. O seu primeiro cuidado foi tomar bastante conhecimento das formu-

(*) Microcosmo, vale tanto como *mundo pequeno*, é termo composto de duas palavras gregas.

(:) A'cerca desta denominação vid. a pag. 79 deste vol.

las e praticas da camara dos communs; e prudentemente se reprimiu de fallar durante a sessão d'aquelle anno, a primeira em que teve assento no parlamento. Porem na immediata, em 1794, aventurou-se ao primeiro ensaio, e posto que imitava claramente o estilo e modos de Burke, desenvolveu tal energia que attrahiu a attenção e respeito geral. O objecto da discussão era um tratado com elrei de Sardenha para pôr este em estado de repellir a invasão franceza no Piemonte. Durante esta sessão e na do anno seguinte Canning fallou a miudo; e Pitt o deixou por vezes carregar com o pezo de formidaveis debates. Por este tempo sustentou a temporaria suspensão do *Habeas Corpus*, e se declarou contra a reforma parlamentar. Em 1798 orou largamente a favor da proposta de Wilberforce para a abolição do trafico da escravatura; e n'um discurso, que produziu mui consideravel effeito, respondeu a outro orador que recommendava ao governo britannico que fizesse paz com a republica franceza, então no maior auge de suas conquistas e devastações. Desde o anno antecedente, Jorge Canning era o principal redactor do *Anti-jacobino*, papel destinado para combater e ridiculisar os diaristas e outros escriptores advogados das doutrinas da revolução de França; e as melhores composições poeticas e artigos engenhosos desta publicação foram produções da sua penna.

Quando a questão da união irlandeza veio ao parlamento, Canning fallou repetidas vezes e com grande vehemencia e muito effeito a favor dessa providencia. Em 1799 foi um dos commissarios incumbidos da regulação dos negocios da India. Em 1800 casou com a filha do general Scott; matrimonio que o poz completamente independente, porque a riqueza de sua mulher passava d'um milhão de cruzados. Dissolvido o gabinete de Pitt em 1801, Canning que entrava nesta administração seguiu a sorte de seus companheiros; e ficou sendo o mais caloroso e temivel adversario do ministerio de Addington. Foi porem nomeado thesoureiro da armada quando Pitt entrou de novo em 1804 no conselho do rei.

Quando no anno seguinte lord Melville foi accusado de ter feito illicito uso do dinheiro do estado, Canning defendeu o seu amigo com admiravel engenho e eloquencia, mas perdeu a causa. Pitt faleceu em 1806; houve então completa mudança de ministros; e Canning foi substituido pelo seu antigo protector Mr. Shéridan. Aceitou porem novo cargo em 1807, começando a desempenhar o de Secretario d'Estado dos Negocios estrangeiros, que então era dos mais importantes; distinguin-se neste exercicio, e a maior parte das suas notas e outros papeis são modelos nesse genero. Advogou sempre a causa da emancipação dos catholicos, nomeadamente em 1812, e não descontinuou em prestar os serviços importantes da sua eloquencia e poder aos cidadãos britannicos que professavam a religião romana, porque era acerrimo defensor tanto da liberdade civil como da tolerancia religiosa.

Dissolvido o parlamento em 1812, Canning obteve successivas reeleições. Em Outubro de 1814 veio por embaixador á nossa côrte, governando então, como regente, o Sr. D. João 6.^o: a sua nomeação foi objecto de contestações nas camaras d'Inglaterra. Serviu depois outros cargos com muito applauso e proveito da sua patria. Quando a questão entre a rainha Carolina e seu marido, o rei Jorge 4.^o, foi em 1820 appresentada ao parlamento, Canning sem tomar partido ausentou-se e veio viajar no continente. Não teve logar o partir para a India, como governador geral, porque por morte de lord Castlereagh, que se matou em 1822, foi novamente in-

cumbido da secretaria dos negocios estrangeiros. Neste emprego tractou de estabelecer relações commerciaes com as colonias hespanholas da America, que tinham sacudido o jugo da metropole, e seguidamente dispoz os animos de forma que o governo britannico em 1825 proclamou e reconheceu independentes as republicas de Columbia, Mexico e Buenos-Ayres. Recusou-se a intervir na lucta de dois partidos politicos, diametralmente oppostos, que dilaceravam a Hespanha, e quando em Dezembro de 1826 mandou tropas inglezas a Portugal declarou formalmente no parlamento que *estas tropas não vinham para dictar leis, nem governar, nem prescrever constituições, mas simplesmente para defender e manter a independencia nacional de um alliado*. Aludia nesta phrase a quaesquer intenções hostis da parte da Hespanha.

Em Abril de 1827 Canning foi nomeado primeiro ministro. Desabou contra elle grande tempestade nas camaras: então viu-se obrigado a negociar com os whigs, admittindo muitos aos cargos, e prometendo auxiliar outros. Nesta crise, apesar dos obstaculos que a opposição lhe suscitou, e não obstante a aridez de muitos assumptos ostentou com esplendor a força da sua rethorica. Nesses brilhantes discursos se appresentou de novo determinado a combater a reforma parlamentar, como o fizera vehementemente nas sessões de 1819 e 1822. Fallou pela ultima vez no parlamento, tres dias antes da prorogação deste, aos 29 de Junho de 1827: aos 6 de Julho assignou-se em Londres o tractado entre a Graã-Bretanha, França e Russia para a independencia da Grecia, do qual fôra elle o principal promotor. Foi este o ultimo acto da sua vida publica; e o primeiro poema que escrevera tinha sido uma elegia com o titulo de = *Escravidão da Grecia*. = No mez de Agosto seguinte, no dia oitavo, morreu este celebre ministro de uma nação poderosa.

Dissemos tractando da biographia d'um sabio, que poupavamos as datas, e com rasão o dissemos e praticámos, porque a noticia da vida d'um homem, exclusivamente dado ás sciencias ou ás letras, as mais das vezes de necessidade se limita á lista e exame das suas obras: não está porem no mesmo caso o que professou carreira publica investido dos altos cargos do estado; deste temos que analisar as acções e daquelle os escriptos; e supponmos mais facil tarefa confrontar juizos litterarios do que sondar abysmos politicos. Se o homem é contemporaneo, como o de que acabámos de fallar, ainda mais prudente nos parece appresentar só os factos simples e chronologicamente narrados, deixando que os analisem e commentem os leitores inclinados a anatomisar a historia.

MARINHA PORTUGUEZA NOS REINADOS DE D. JOÃO 2.^o, E D. MANUEL.

VARIAS esquadras mandou elrei D. João 2.^o, não só aos portos do Algarve d'alem mar, mas ainda em continuação dos descubrimentos que em seu tempo forão levados até ao Cabo de Boa-Esperança pelo ousado Bartholomeu Dias. Outras foram expeditas com gente e materiaes para fundar fortalezas nos portos convenientes, novamente descubertos na Africa occidental. Outras, tambem, sahiram de nossos portos para estabelecer colonias nas ilhas do Principe e S. Thomé; e outras finalmente para assegurar na posse de seus estados os principes dessas costas, que eram incommodados por haverem abraçado a amisade dos portuguezes.

Logo que elrei D. Manuel subiu ao throno determinou dar impulso á marinha para continuar nos descobrimentos encetados pelo infante D. Henrique; e assegurar e seguir as conquistas e colonisação de seus predecessores. Para aquelle primeiro fim mandou aprestar uma pequena esquadra de tres navios de guerra, o maior dos quaes era de 120 toneladas, cujo commando entregou a Vasco da Gama, que se fez á vela de Lisboa a 8 de Julho de 1497, e passados dois annos voltou a entrar aqui a 10 de Julho de 1499, com especiarias e naturaes da India, que teve a boa fortuna de descobrir. Animado com o bom resultado de sua primeira tentativa fez elrei preparar uma armada maior para dar mostra de nossas forças naquelles paizes, e nomeou para seu general Pedro Alvares Cabral, que partiu de Lisboa a 8 de Março de 1500, com 12 navios de guerra, e um transporte carregado de mantimentos, todos bem aparelhados, armados e providos para 18 mezes. No fim d'Abril tomou este capitão terra, a que chamou Porto Seguro, e levantando naquelle sitio uma grande cruz de madeira, deu a tão vasto continente o nome de Terra de Santa Cruz, que depois se mudou em Brasil. Nos 21 annos que decorreram desde que Vasco da Gama chegou a Lisboa com a noticia dos novos descobrimentos até a morte do monarcha, se despacharam para a India 253 navios, incluindo as náus chamadas da *carreira*, que então já eram de 400 toneladas, dos quaes naufragaram 19 á ida, e 11 na torna-viagem. Naquellas regiões se conservavam esquadras permanentes, sendo necessario formar lá arsenaes em que se construíssem novas embarcações.

A este prodigioso numero d'embarcações devem juntar-se as que todos os annos eram mandadas ás novas possessões das ilhas, e d'Africa oriental e occidental; assim como as que por estes paizes se conservavam para segurança e protecção do commercio, não faltando ainda outras para continuar a conquista das praças da Africa fronteira.

No anno de 1501 determinou elrei D. Manuel passar pessoalmente á Africa, para o que ajuntou uma armada de 400 velas. Não teve porem effeito esta expedição, porque nesse mesmo tempo ameaçavam os turcos os dominios dos venezianos na Grecia com uma poderosa armada; e esta republica e o papa imploraram o soccorro d'elrei de Portugal, que promptamente lhes mandou uma esquadra de 30 navios de guerra, escolhidos dos melhores de toda a armada, guarnecidos com 3:500 soldados, commandada pelo conde de Tarouca, a qual sahiu de Lisboa a 15 de Junho. Com elle sahiu de conserva outra esquadra debaixo de seu commando, para de caminho tentar a tomada de Mazalquibir, o que não teve logar, voltando a esquadra auxiliar, seguindo a primeira a sua derrota. No de 1508 se formou outra esquadra de 50 velas, cujo commando foi confiado a D. João de Menezes, com 400 homens de cavallo, e 2:000 de gente d'ordenança, a primeira que se viu em Portugal: desferrou de Lisboa a 26 de Julho, com destino d'adiantar as conquistas da Africa.

No anno de 1513 determinou elrei fazer a conquista d'Azamor; e em quatro mezes e meio fez preparar uma armada de mais de 400 embarcações entre navios de guerra e de transporte, nos quaes embarcaram, alem da marinha necessaria, 2:200 homens de cavallo, e 15:000 de pé, pagos á custa de elrei; e bem assim mais 550 de cavallo, e 4:000 infantas, alistados pelo duque de Bragança, D. Jaime, a quem foi confiado o commando supremo da armada e do exercito, com que se fez de vela, de

Lisboa, a 17 d'Agosto; e não só conseguiu o fim a que era destinado, mas tambem tomou posse das cidades de Tite e Almedina, que os mouros abandonaram.

Em 13 de Junho de 1515 sahiu do mesmo porto de Lisboa outra armada de mais de 200 navios, commandados por D. Antonio de Noronha, com o titulo de capitão general, destinada a construir uma fortaleza em Mamora, á qual armada se juntaram ainda outras embarcações do Algarve no Cabo de St.^a Maria. Foi malograda porem esta expedição, naufragando na retirada mais de 100 navios.

Não foi igualmente bem succedido outro armamento de 70 navios de guerra e transportes confiado a Diogo Lopes de Sequeira, em Junho de 1517, com o fim de tomar Targa.

O ultimo armamento que elrei D. Manuel mandou preparar foi uma formosa armada de 10 náus, 2 galeões, 4 galés reaes, 1 fusta, e 1 transporte para transportar á Italia a infanta D. Brites, desposada com o duque de Saboia, da qual nomeou general a D. Martinho de Castello Branco, conde de Villa Nova de Portimão; e se fez de vela em 9 de Agosto de 1521. Nesta esquadra ia de capitania a náu St.^a Catharina, de oitocentas toneladas, feita na India.

No seu reinado houve sempre tres esquadras empregadas em fazer guerra aos piratas e corsarios que infestavam o commercio: uma chamada do Estreito cruzava nas costas do Algarve e da Barbaria, e compunha-se ordinariamente de fustas e caravellas: outra de maiores embarcações corria as costas do norte de Portugal; e a terceira, que depois se augmentou, cruzava nos Açores.

Os navios de guerra eram construidos em dois arsenaes que havia na capital, e bem assim no Porto e em S. Martinho: os de commercio faziam-se nos estaleiros particulares destes mesmos portos, e nos d'Aveiro, Vianna e Algarve. A experiencia das viagens anteriores tinha ensinado a melhor construcção d'uns e outros: não nos faltavam madeiras nas matas do reino. Foram favorecidas em varias partes as sementeiras do canhamo, que não eram insignificantes, pois havia feitores em Santarem, Coimbra, e Moncorvo, e delle se fabricavam amarras de qualidade superior ás de todas as outras nações. Creou-se em Lisboa uma fabrica real de polvora. Estabeleceram-se outras particulares d'armas brancas e de fogo, de toda a qualidade, em varias terras, e uma por conta da fazenda real na ribeira de Barcarena, em que trabalhavam com engenhos movidos por agua mestres que vieram de Biscaia. Toda a artilheria de bronze [unica que naquelles tempos se usava a bordo dos navios] era construida nas fundições reaes e particulares do reino. Os arsenaes do exercito e marinha estavam tão bem providos de tudo, e era tal a copia das embarcações em Portugal, que, quando elrei foi a Tavira no anno de 1508 com animo de passar em pessoa em soccorro d'Arzila, reuniu em cinco dias um exercito de 20:000 homens, e os navios sufficientes para os transportar á Africa.

Na India tomaram incremento as nossas forças maritimas no governo do grande Affonso d'Albuquerque; posto que já antes o vice-rei D. Francisco d'Almeida tivesse em Dezembro de 1508 preparado uma armada de 20 velas, das quaes 6 eram náus grossas, 6 navios redondos, 5 caravellas latinas, 2 galés e 1 bergantim, com que foi encontrar o turco Mir Hocem no caminho de Diu, conseguindo delle completa victoria. Com 21 embarcações deu o mesmo inclito Albuquerque a primeira vez sobre Goa,

e com 23 na segunda em que a tomou, e nella constituiu a séde do imperio portuguez lá nesses longinquos paizes do Oriente. Pouco mais cresceram por alli as nossas forças de mar durante o reinado de D. Manuel. Era de 37 velas, sendo 10 náus grossas, a armada com que desferrou de Goa com derrota ao mar-rôxo, em 1516, o governador Lopo Soares de Albergaria, deixando guarnecidos com sufficiente numero d'embarcações os portos que já então senho-

reavamos, e seguras as communições entre elles com boas armadas que incutissem respeito aos principes do paiz, que espreitavam occasião de nos destruir inteiramente. Contava 24 embarcações a outra com que o governador Diogo Lopes de Sequeira abocou o estreito do mar-rôxo, em 1520, levando de guarnição mais de 3:000 homens, em que entravam 1:800 portuguezes.



BOTE DE SALVAÇÃO DE VIDAS.

Mr. Greathead, de South Shields, em 1802 apresentou o modelo do bote de salvação de vidas, de sua invenção, á Sociedade britannica das Artes que o premiou com uma medalha d'ouro e 50 guinéus. Foi tão apreciado o novo invento que o parlamento votou a beneficio do auctor a quantia de 1:200 libras sterlingas, afóra outras remunerações que lhe concederam as associações commerciaes denominadas *Trinity-House* e o *Committee of Lloyd's*; esta ultima instituição alem disso dedicon 2:000 libras á construcção de botes daquella fórma. Desde esse tempo os sitios mais perigosos das costas da Graã-Bretanha estão munidos de botes semelhantes.

O comprimento do bote-salvador é de 30 [*] pés e a largura de 10 pés, e a altura no centro do barco desde o topo d'amurada até a borda da quilha é de tres ditos. A sua forma é muito differente de todos os d'uso commum, e por sua construcção é quasi impossível virar-se. Diz-se que a sua particular figura deriva das propriedades das secções d'uma espherode; figura achatada em dois polos oppostos, quasi como uma laranja.

O caracter mais distinctivo do bote-salvador é a sua extraordinaria fluctuação, nascida de ter o fundo ouco e á prova d'ar, como dizem os inglezes de toda a vasilha impenetravel á agua e a outros fluidos. Em todo o comprimento dos costados é cheio de repartiamentos, que são caixas á prova d'ar, separadas uma da outra, para, no caso de se abrir uma fenda em virtude de pancada contra rochedo, ou de fazer agua por algum accidente se deter esta alli sem que passe

[*] Estes pés são de medida ingleza correspondente cada um a 0,924 do pé portuguez.

ás mais partes do bote. Ultimamente se tem construido outros botes com tubos de cobre lateraes para evitar toda a possibilidade de perderem a fluctuação: e são feitos de modo que quando sobem pelas ondas despejam, por certos agulheiros na parte inferior, toda a agua que possam ter recebido ao romper a onda anterior.

O bote desta natureza, que ha em Sunderland, é dos mais perfectos no seu genero. Tem obra de 40 palmos de comprido e 14 de largo, com seis aberturas no fundo tão proporcionadas ao tamanho e peso do barco que, quando venha a encher-se d'agua, esgota-se em pouco mais de meio minuto. Leva de tripulação sete até dez homens, segundo o estado do tempo o requer: dois dos marujos usam de remos de 24 palmos de comprimento, e os demais d'outros mais curtos.

Démos esta breve noticia, porque achavamos acertado que, assim como de nações estranhas tomámos muitas vezes usos desnecessarios, e até perniciosos, adoptassemos este invento, mandando examina-lo, e pondo-o depois em pratica; visto que, ao mesmo tempo, é de credito para as sciencias, por ser filho dos principios destas desenvolvidos por um homem habil, e de beneficio para a humanidade, por salvar das garras da morte muitos infelizes a ponto de perecerem, ás vezes á vista do porto que demandavam.

REFLEXÕES DE GOETHE SOBRE A LITTERATURA MODERNA DA ALEMANHA.

GOETHE, o mais famigerado dos litteratos alemães

dos tempos modernos (*), era nos ultimos tempos de sua vida mui propenso para o epigramma e ironia. Em um dos accessos de sua maledicencia descreveu assim a litteratura do seu tempo e paiz. — «Vai hoje em dia a republica das lettras na Alemanha tal e qual o imperio romano na epocha da decadencia, quando todos queriam governar, e já se não sabia quem era o imperador. Chegámos a pontos taes que já não importa quantos são os que governam: tanto faz uns poucos mais, como uns poucos menos. E não teve o imperio romano trinta imperadores ao mesmo tempo? — Wieland e Schiller já foram apeados do seu throno. E eu por quanto tempo conservarei ainda em meus hombros minha antiga purpura imperial? quem sabe? eu não por certo. Mas dê por onde der, quero mostrar ao mundo que não tenho o coração apegado a esta realza, e supportar o meu descaimento com a tranquillidade e resignação, com que uma alma forte resiste aos embates do destino. — Ah! mas... de que fallavamos nós? sim; é verdade; dos imperadores! — Novalis ainda o não era; mas com o tempo não podia deixar de vir a sê-lo. Que pena morrer tão creança! e ainda mais por se ter avantajado ao seu seculo fazendo-se catholico! Não se viram ir [se houvermos de dar credito ás gazetas] donzellas e estudantes em romaria a seu tumulo, e junca-lo de flores? A isto é que eu chamo um exordio glorioso, e que dava para o futuro grandes esperanças. Cá por mim, como leio pouco as gazetas, rogo encarecidamente a meus amigos que toda a vez que houver alguma canonisação desta especie, não deixem de m'a participar. — Tieck tambem foi imperador por alguns dias, mas não durou, e em breve perdeu o seu sceptro, e a sua corôa. Até o arguiram de sua dogura, de sua clemencia, de seus costumes de Tito. É que para governar requer-se hoje, mais do que em tempo algum, uma mão firme e poderosa; e, sem refolhos o direi, uma especie de barbara grandeza. Depois coube a vez aos Schlegel; Augusto Schlegel 1.º do nome, e Frederico Schlegel 2.º Ambos reinaram com auctoridade, como monarchas absolutos e despotas. Não amanhecia dia em que não houvesse novas proscricções ou execuções: enchiam-se listas de nomes, e levantavam-se cadafalsos. Era coisa maravilhosa! O povo desde tempo immemorial que gosta muito destas cousas. Ultimamente um mancebo, no começo da sua carreira, chamava algures a Frederico Schlegel um Hercules alemão, que com a massa na mão percorre o seu paiz, e vai por onde passa deixando apoz si tudo esmagado. Sem demora o magnanimo imperador remetteu carta de nobreza ao joven escriptor, a quem pela sua parte chama um heroe da litteratura alemã. O diploma foi passado com todos os ff e rr; e podeis dar-me credito, porque com meus proprios olhos o vi. Confere-lhe o senhorio e dominio de todas as gazetas, que redundam em proveito de seus partidarios e amigos; tendo ao mesmo tempo toda a cautella de passar as outras em silencio. Admiravel expediente para ter voga por entre este digno publico alemão, que nunca lê um livro antes da gazeta ter fallado nelle! Como bem vedes, este estratagem a modo de imperador não é destituído de attractivos, e tem sobre outro procedimento a vantagem de se não correr com elle risco algum. Assim que, n'uma linda noite, vos deitaes na cama feliz e bem disposto, e adormeceis imperador: e pela manhã, quando acordais, procurais a vossa corôa e não a achais. Cruel cousa é na verdade: mas pelo menos vossa cabeça [se por ventura o imperador a tinha] vossa cabeça, digo, ain-

da está em seu logar, e já isto, segundo entendo, não é pouco. Que differença que vai aos imperadores antigos, assassinados ás duzias na historia, e arrojados depois ao Tibre! — Tornando ás nossas canonisações: morreu ha pouco em Jena outro joven poeta, que se póde dizer morreu cedo de mais. Não o teriam feito imperador; mas pelo menos vigario do imperio, *major domus*, ou outra cousa desta laya. A que glorioso posto de litteratura alemã não teria chegado o joven heroe? Diz-se que anda na forja o fundar uma camara de pares da intelligencia. Parece-me excellente idéa. Se o poeta de Jena vivesse mais alguns annos, estaria feito par do reino, quando mal se descuidasse. Mas, como eu já disse, morreu cedo de mais: em todo o caso foi muita pressa. Pelo andar que as cousas levam hoje em nossa nova litteratura, é necessario chegar á celebridade o mais cedo possivel, mas á morte com todo o vagar. Aqui vai todo o segredo. Não basta para ser um grande homem ter publicado alguns sonetos, e dois ou tres almanacks (*). Os amigos do joven poeta nos asseguraram nas folhas publicas que seus sonetos viviriam por longo tempo na posteridade. Confesso que até ao presente não tive o cuidado de aclarar o negocio, e por tanto não posso dizer se o prognostico se cumpre. Muitas vezes ouvi dizer, quando era moço, a homens graves, que acontece frequentemente que um seculo inteiro trabalhe para chegar a produzir um poeta ou um pintor de genio. Mas, pelo que parece, os nossos rapazes deram-lhe agora no chiste. É um gosto ver como elles tratam o seu seculo. Hoje ninguem sahe do seu seculo, como naturalmente assim devia ser; mas pretendem absorvelo em si todo inteiro; e se não vai tudo ao geito de sua fantasia, dão dois trincos no mundo, entregam a multidão ao desprezo, e mofam do publico. Ha pouco tempo veio-me visitar um estudante de Heidelberg, que teria os seus 19 annos; e me asseverou com o maior sangue frio que tinha profundado toda a sciencia, e que sabendo perfeitamente o partido que d'ora avante devia tomar, resolvêra abster-se de toda a leitura; e nada mais queria do que desenvolver pausadamente suas theorias sobre o universo, sem lhe importar nem linguas estrangeiras, nem livros, nem classificações, nem systemas. Isto é que é certamente um sublime começo! Se cada um recomeça a sahir do nada, que admiraveis progressos que não faremos em pouco tempo!"

J. H. da C. R.

A PROPRIEDADE.

A VANTAGEM de adquirir bens é mui consideravel, não sómente pelo seu valor, como pelo habito de industria e economia que insensivelmente produz no animo e proceder de quem os possui. Quando um homem tem a satisfação de dizer: «esta fazenda é *minha* porque a adquiri com o meu trabalho e esforço» um tal sentimento lhe dá certo ar de independencia, e faz com que se considere superior áquelle que nada tem de que viva, induzindo-o não só a conservar o que é seu, senão tambem a augmenta-lo com a sua applicação. Um lavrador que apenas possui uma vinha, uma cabana, e algumas cabeças de gado, é, geralmente fallando, um homem mais util á sociedade, mais industrioso, e mais fiel ao seu partido, do que aquelle que, não tendo um palmo de terra em que trabalhe, não acha o minimo interesse em empregar o tempo utilmente; e

(*) Os almanacks d'Alemanha são collecções de poesias que sahem annualmente.

(*) Vid. Paq. N.º 128 pag. 321 do 3.º vol,

se este tiver familia a idéa de não poder dizer: «isto que é meu deixo aos meus filhos» o tornará um ente mui desgraçado, ou muito insensível. Contemplai os que frequentam as tavernas e casas de jogo, e achareis que todos, ou a maior parte desses vadios não teem cousa que lhes dê o menor cuidado; informai-os de suas familias, e vereis que o vicio e a miséria reinam no interior de suas casas. A mulher de um vadio que nada possui não poderá conservar a virtude de uma boa mãe de familia, as filhas estarão expostas a perderem a honra do seu sexo, os filhos, abandonados por falta de uma occupação anticipada, frequentarão pessimas companhias, e insensivelmente se hirão entregando aos vicios mais infames, e aos crimes mais horrendos. Contemplai, pelo contrario, os que começam com alguma propriedade, vê-los-heis contentes com o seu trabalho, e felizes no meio de suas familias; a mulher será industriosa, os filhos instruidos, obedientes e applicados, as filhas doces e virtuosas. Meditem todos, particularmente os casados, sobre as vantagens que traz consigo a posse de alguns bens como cousa *propria*, e não desesperem por falta de meios, porque uma pequena porção de terreno e um arado é quanto basta para principiar, na certeza de que serão ajudados por outros mais ricos, ou verão augmentada a sua propriedade pelo seu unico esforço, podendo cada um dizer enquanto vivo: «isto é meu», e á hora da morte: «deixo isto para os meus filhos.»

HYGIENE POPULAR.

Influencia dos officios sobre a saude.

UM dos pontos mais importantes da hygiene, e que merece ser estudado cuidadosamente, é a influencia dos officios e profissões sobre a saude dos homens. Facilmente se conclue quanto esta influencia deve ser grande por ser continua, e operar directamente sobre os elementos essenciaes da saude. Não podemos soffrer a privação do ar, da luz, do movimento, sem nos resentirmos sobre maneira dessa privação; porque a natureza quer que se dilate o bofe, que os nossos orgãos recebam do sol a influencia vivificadora, e circulem com liberdade os fluidos do corpo. O mineiro, o ribeirinho, o padeiro, o fabricante de vidros, e o de polvilhos e gomas, que a maior parte da vida estão expostos á emanação das moleculas mineraes, animaes, ou vegetaes, em uma atmospherá obscura, e por extremo calida, respiram a cada instante um germen de molestias; e só resistem a esta acção destruidora e continua em virtude da potencia de reacção, de que somos dotados contra todos os agentes nocivos á nossa organisação. Da mesma sorte os çapateiros, alfaiates, &c., não podem estar tanto tempo, como estão, na mesma posição, e essa forçada, sem que o sangue e os differentes humores deixem de circular convenientemente, e sem que os diversos orgãos, em que se faz esta estagnação, se enfartem, e se tornem por consequencia menos proprios para preencher as suas funções.

Não devemos occultar que o numero das molestias attribuidas á profissão das artes e officios vai crescendo em proporção do desenvolvimento da civilisação. Isto por duas razões: 1.^a porque todos os officios a que este desenvolvimento dá origem são essencialmente artes ou officios de luxo, isto é, profissões que por sua natureza teem vida sedentaria, e por consequencia precisão d'ar, luz, exercicio, &c., como já dissemos: a 2.^a porque, reunindo a maior

parte dessas profissões grande numero de homens e mulheres em officinas communs, são favoraveis aos vicios que arruinam a saude, e á intemperança e devassidão dos costumes. Está provado pela experiencia e por calculos precisos, que nas cidades fabricantes era incomparavelmente maior a proporção das molestias provenientes da intemperança, do que em qualquer outra parte.

Assim nesta porem, como em mil outras circumstancias, a civilisação traz consigo o remedio aos males que póde causar. Quando se reúne grande numero de pessoas, não se multiplicam sómente as occasiões de desordem e licenciosidade, mas tambem se accelera a propagação das idéas uteis. Se os exemplos perniciosos encontram maior numero de imitadores nos grandes ajuntamentos de pessoas, tambem os bons conselhos se propagam nelles mais prompta e geralmente. A razão e a verdade sempre vem por ultimo a triumphar onde uma vez teem entrada.

São necessarios estes officios e profissões; não devemos pois tratar de os supprimir. Compete á civilisação fazer operar sobre a sociedade dois grandes agentes, que pouco a pouco hirão neutralizando a fatal influencia que elles fazem pesar sobre a saude dos individuos que os exercitam. Destes dois agentes um é só moral, outro medico e scientifico.

O primeiro deve operar por meio da educação, e não em virtude de leis, as mais das vezes impotentes por causa do seu mesmo rigor. Em lugar de prohibir o que é máu ou nocivo, vale mais, e é mais efficaç, habituar os homens desde a infancia a praticar o que é bom; fazer-lhes comprehender pelos raciocinios a razão por que taes e taes cousas são uteis ou não.

Quanto ao agente medico ou scientifico, cada dia se irá fazendo mais facil; porque a civilisação anima, por uma parte, as indagações e trabalhos scientificos; e gosta, por outra, de os vulgarisar. Assim não nos devemos contentar chamando a attenção dos homens da arte para a questão de que se trata; mas empenha-los em publicar em linguagem que todos entendam as suas observações, e os resultados que dellas deduzem; pois temos para nós que em verdade o interesse é muito geral.

Esta questão já tem dado origem a trabalhos importantes de alguns medicos celebres; nenhum porem existe completo; entre tanto já se podem estabelecer algumas verdades geraes.

Os mappas estadisticos, feitos em França nestes ultimos annos, e que indicam a mortalidade relativa das differentes profissões, mostram que esta mortalidade é maior nos operarios que se occupam em trabalhos immundos e de pequenos lucros, ao passo que é menor nos que se acham em circumstancias contrarias. Daremos para exemplo alguns extractos dessas taboadas de mortalidade, formadas dos registos dos hospitaes de Paris.

Profissões.	Mortalidade.	Profissões.	Mortalidade.
Calceteiros.	2 em 36	Militares.	1 em 2116
Sombreireiros	11 em 109	Ourives.	9 em 76
Corrieiros.	11 em 46	Çapateiros.	5 em 31
Ferradores.	10 em 93	Trapeiros.	7 em 37

Pela mesma razão é muito maior a mortalidade nos trabalhadores das cidades, mormente nas cidades fabricantes, do que nos campos. Em 1821 a população da cidade e villa de Leeds, em Inglaterra, era de 33:769 almas, e a mortalidade de 1:516, isto é, 1 por cada 55. Em Ripon na mesma epocha era a população de 12:151 almas, e a mortalidade de 180, isto é, 1 por 67½. Sheffield, Manchester, e

Birmingham offerecem os mesmos resultados; e pôde-se dizer que na Graã-Bretanha morrem cada anno 50:000 pessoas por effeitos das fabricas, dos habitos de vida e costumes que ellas introduzem nas classes jornaleras.

A consequencia pratica destas observações a respeito dos jornaleros lhes aconselha que devem lutar com todos os meios, que estiverem á sua disposição, contra essas causas continuas da alteração da saude.

A qualquer classe que pertença, ou em qualquer profissão que se empreguem, devem ter summo cuidado em renovar e refrigerar o ar. Aos donos das fabricas interessa faze-las collocar em logares elevados, quanto lhes seja possivel, onde o ar circule livremente: aos operarios cumpre abrir de espaço a espaço as portas e janellas, ou se a temperatura mui elevada da officina em que trabalham lhes faz recear a impressão subita d'um ar frio, devem, pelo menos, abri-las nos intervalos das folgas. É mister tambem ter cuidado de não levantar sem precisão nuvens de pó; não deixar fumegar os candieiros, nem demorar-se alli materia alguma vegetal, que pela sua decomposição dê origem a miasmas nocivos e matadores.

O passeio ao sahir da officina contribue essencialmente para a conservação da saude, assim pela vantagem do exercicio, como pela de respirar ar mais fresco; pois se os musculos estão demasiado tempo sem movimento, enfraquecem, deixão effectuar-se a estagnação dos humores, e formarem-se congestões nos differentes órgãos. Observa-se constantemente que a mortalidade relativa das profissões depende do maior ou menor exercicio que ellas permitem.

O uso dos banhos é outro preservativo excellente contra as molestias; aproveita a todas as pessoas em geral, e mui particularmente aos habitantes das cidades. Livrando a pele de todas as emanções impuras com que se acha em contacto, acalmando o sistema nervoso, e dando á circulação mais uniformidade e liberdade, repara as fadigas do corpo e da alma. Os operarios que teem vida mais sedentaria devem tomar, pelo menos, um banho cada mez, frio ou morno, conforme a estação.

Recommendamos mui particularmente a attenção que se deve guardar no tratamento da saude; isto é, em não affrontar nem desprezar as molestias. Quantas affecções, ligeiras ao principio, se tornam graves e mortaes por causa da negligencia com que são tratadas. Esta verdade, que em geral não é difficil de conhecer, toma neste caso o caracter da evidencia, visto que o enfermo fica constantemente exposto á causa da sua molestia. Se alguém pôde affrontar uma molestia, cuja causa tem sido evitada, não é possivel affrontar sem risco aquella que deve a sua origem a circumstancias em que o doente teima a conservar-se. O simples senso commum está neste caso d'acordo com a theoria e pratica da medicina. Portanto, logo que um trabalhador sente em si algum incommodo extraordinario, como uma dor de cabeça renitente, calafrios com dores nos rins, desfalecimentos, &c., recorra a um facultativo. Em tempos d'epidemia deve haver muito maior cuidado nesta recommendação; porque os primeiros symptomas d'uma epidemia demandam immediatamente os soccorros da medicina; e na classe laboriosa e indigente são mais de temer estes primeiros accessos.

Os preceitos da hygiene que acabamos de dar em geral são dictados pelo simples senso commum. A experiencia de todos os dias nos aconselha a dar-lhe a maior importancia, e nos convence de que a sua exacta e rigorosa observação previniria a maior parte das molestias a que está sujeita a classe dos operarios,

Este artigo é devido a Mr. H. Gouraud, doutor em medicina, e um dos fundadores do jornal dos conhecimentos medico-cirurgicos, que apparece ha poucos tempos, e que se faz recommendavel não só aos facultativos, mas aos donos das fabricas e officinas, parochos, e mais pessoas que possam ter alguma influencia no povo.

O CASAMENTO POR INCLINAÇÕES LITTERARIAS.

PAULINA de Meulan, filha de boa familia, em Paris, perdeu ainda moça os protectores que a tinham criado, e viu-se precisada a procurar meios de subsistencia. Tinha recebido uma educação muito aprimorada, e achando-se com propensão e bom gosto litterario, quiz experimentar se ganharia pela penna com que manter-se. Com este proposito mandou para os papeis periodicos varios contos e outras composições; porem todos os seus artigos [lhe diziam] eram ou mui extensos ou mui breves, ou muito graves ou muito superficiaes, em uma palavra, inteiramente inadmissiveis. Se Paulina não fosse dotada de energia pouco vulgar e de talento distincto, fôra-lhe impossivel remover os obstaculos que empecem a senda por onde se caminha á fama litteraria. Repetidas vezes na solidão de seu alvergue, fatigada e sem esperanças, arrojava de si a penna, porem a difficuldade de alcançar outro honesto meio de subsistir a obrigava a lançar mão della novamente e com mais fervor: porfim sempre algum bom exito coroou os seus esforços. Acolheu os seus escriptos o director do jornal intitulado —o *Publicista*—: e Paulina foi um dos mais assiduos collaboradores desta obra periodica, recebendo em premio do seu trabalho remuneração sufficiente para uma subsistencia regular e decente. Chegou tambem a obter a attenção publica, recebendo convites para varias reuniões litterarias, que tão frequentemente se celebram em Paris. Com especialidade costumava Paulina concorrer em casa de M. Suard, bem conhecido na republica das letras; frequentava esta sociedade a melhora da estudiosa mocidade de ambos os sexos, que então brilhava na metropole da França. Continuou assim Paulina até cahir enferma e lhe ser impossivel continuar a remessa de suas composições para o *Publicista*; por sua desgraça, sobravam na capital escriptores de merito, de fórma que o interromper ella seus trabalhos não era falta muito importante para os empregarios daquelle jornal. A doente bem conhecia isto, e não pouco se lhe aggravava a molestia com as angustias do espirito: porem, nessa occasião desesperada, mão generosa, posto que desconhecida, veio dissipar-lhe o terror e salva-la do abysmo em que a sepultaria a imaginação. N'uma manhaã, quando estava submersa em tristes reflexões, recebeu um masso de papeis e abrindo-o viu um artigo para o *Publicista*, escripto no mesmo estilo e gosto dos que ella costumava mandar: inclusa vinha uma carta em que o escriptor expunha a sua intenção de continuar a remetter artigos semelhantes em determinados periodos, na esperanza de que seriam accetos em lugar dos de Paulina, até que esta se restabelecesse a pontos de repetir sua tarefa. A letra do artigo e carta era desconhecida á pobre senhora, que não podia atinar com quem seria o auctor. Sem embargo, cumpriu o incognito sua offerta, proseguindo regularmente com artigos adequados ao intento, que produziram para a enferma a mesma remuneração que pelos proprios recebia, proporcionando-lhe as commodidades necessarias e os meios de recobrar a saude,

O correspondente de Paulina suspendeu o seu trabalho assim que ella se pôz em estado de o continuar. Facil é de comprehender quanta impressão faria no animo desta senhora tal beneficio, e quanto anhelaria o conhecer o bemfeitor e agradecer-lhe. Em breve fôram os seus desejos satisfeitos: um mancebo macilento de côr, e delgado do corpo, de feições agradaveis e expressivas, se lhe appresentou declarando ser o desconhecido correspondente. Logo Paulina se recordou de o ter visto em casa de Suard, onde todos o tinham em conta de ser o moço de maiores esperanças na carreira das lettras.

O resultado desta acção generosa, dictada pela combinação do amor com a grandeza d'alma e o vigor do talento, foi o matrimonio entre duas pessoas tão dignas uma da outra. Este par vive hoje feliz: o marido occupa mui subido logar no senado e entre os illustres escriptores de França, tendo já servido o eminente cargo de Ministro d'Estado; sua mulher desfructa distincta e honrosa reputação por suas acções e por seus escriptos.

Não serão por certo desconhecidas aos nossos leitores estas duas pessoas, se lhe apontar-mos os nomes de Mr. Guizot e de sua esposa.

COSTUMES SUPERSTICIOSOS NAS ILHAS DE CABO-VERDE.

INFELIZMENTE mui pouco se sabe no mundo litterario ácerca das colonias portuguezas; e por inexplicavel fatalidade parece que esta asserção se reforça consideravelmente ácerca d'uma das mais proximas, e que com toda a commodidade nos podia offerecer as producções dos tropicos, que importamos do Brasil. Fallamos das ilhas de Cabo-Verde, e dos estabelecimentos portuguezes em Guiné. Vimos annuncios da proxima publicação d'uma corographia deste territorio; e, emquanto convidamos a serem assignantes desta obra os curiosos de aprender, offerecemos aos nossos leitores algumas noticias sobre os supersticiosos costumes dos habitantes, dadas por pessoa que alli residiu, e que não deixam de appresentar algum interesse.

Primeiro que tudo convem saber-se que os indigenas das ilhas teem antipathia conhecida com a lingua portugueza, e que se communicam por meio de uma lingua especial, que os nossos chamam *creoula*, e o que mais é, muitos colonos portuguezes que vão de novo, como diz o Dr. Castilho, deixam-se hir com o uso da terra, e consentem que seus filhos aprendam creoulo. Declaram-se os da terra catholicos romanos, porem observam a religião como lhes parece; e chegam a ser gentios. São supersticiosos, e quasi accreditam na transmigração das almas, e quando morre alguém chegam a mandar *mantanhas* [lembranças] a taes e taes parentes e amigos; e para que o cadaver se não esqueça o recommendam muito, e lhe dão seus abraços. Quando vão á igreja atiram-se ás pias de agua benta, e ás mãos cheias a vão deitar nas sepulturas dos seus, introduzindo-a pelas gretas das lousas, imaginando que assim os vão purificar. Confessam-se e ouvem missa só quando lhes parece, e infelizmente os curas fazem outro tanto. De quanto serviço não seria alli um D. Fr. Caetano Brandão! Lucas de Sena diz que entre esta gente ha muitos *franc-maçons*; porem é natural que sejam tão observadores das praticas desta seita, como o são da religião.

Quando morre algum creoulo Verdiano, juntam-se todos os parentes e amigos em casa do morto, para o carpirem com choradeiras e prantos; e depois

do sahimento e enterramento do cadaver juntam-se a fazer banquete á custa do espolio do defunto. Esta é a maneira por que lhe resam por alma. Deixam armado o altar como estava na presença do cadaver, e diante delle resam um terço e uma ladainha lá na sua algaravia. Não é talvez esta devoção com outro fim mais que o de prepararem a barriga para hirem para a meza — antes para a esteira, pois o comer é posto todo no chão sobre uma esteira. Consta a comezana de tudo quanto deixou o defunto que seja cousa de comer e beber. Acabadas as exequias teem bebido tanta aguardente que no fim estão todos contentes, e ha gritarias, cantarolas, bailes, e outros prazeres e galhofas á sua moda; e isto é repetido em commemoração, nos mais abastados, mensalmente; n'outros só d'anno a anno.

As mulheres mais ricas quando vão á missa levam consigo uma enfiada de escravas apoz de si, e cada qual tem seu dever particular que desempenhar. Uma leva um rico panno ou especie de tapete de proposito para lh'o hir estender no chão no local em que a sua senhora se ha-de ajoelhar: outra vai só para lhe concertar o vestido e cubrir-lhe os pés: esta deve arranjar-lhe o toucado, aquella hirá em seu nome cumprimentar a amiga que lá estava ou vem depois. Só não ha uma para levar o livro da missa; porque é traste de que não usam. Isto é pelo que toca ás senhoras mais ricas e abastadas; que as pobres logo que chegam á porta fazem uma grande mesura, e se vão direitas á pia da agua benta, e levam ás mãos cheias quanta podem para deitar nas sepulturas de sua devoção. Feito isto fazem outra mesura, e antes de se benzerem, o que por vezes lhes esquece, olham para traz a ver se teem os pés bem cubertos, e cubrirem-nos. A qualquer movimento ficam-lhes outra vez os pés á vella, porque andam descalças, e se não dão por isso vem logo a vizinha avisar que se cubram; e nisto são todas escrupulosas umas para as outras.

Quando é dia de festa, que deve durar mais tempo, previnem-se levando de fóra uma boa pedra para lá lhe servir de cadeira, e se não tivessem a cautella de as tornar a trazer ficariam as igrejas calçadas.

Dizem alguns que os casamentos são condicionaes, e que se divorciam quando os maridos não encontram nas suas mulheres as qualidades requeridas, o que é muito chorado pelos pais da noiva. Quando se acham satisfeitos com o contrato, na propria noite do casamento chegam á janella e disparam os noivos uma pistola ou espingarda.

Conviria muito que o governo olhasse mais para o estado moral destes povos, e que os ecclesiasticos e pastores dessem exemplos de morigeração, para serem imitados.

QUANDO o nosso veneravel D. Fr. Bartholomeu dos Martyres foi á Italia assistir ao Concilio de Trento, deu-lhe de presente o Summo Pontifice uma excellente mula com o nome d'*aguia*. Tanto que o arcebispo chegou a Braga, ordenou que a pobre aguia desde pela manhã até a noite andasse ás cargas em serviço da casa. Aconteceu passar um dia a mula carregada á vista do arcebispo, o qual sorrindo-se disse: *E vós, aguia, cuidaveis que por serdes data de um tal senhor serieis cá privilegiada? . . Enganaste-vos; que na casa do pobre todos são pobres; e não come senão quem trabalha.*

Que patrimonio póde haver que seja
Mais honroso e illustre que a boa fama?

ELP. DUB.